"E AGORA JOSÉ"? ANGÚSTIA CRIADORA NA POÉTICA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Junia Paula Saraiva Silva*

Resumo

Este ensaio pretende analisar a obra José, de Carlos Drummond de Andrade, identificando como o sentimento de angústia contribuiu para a escrita do poema, levando-se em consideração o período em que foi escrito. Conclui-se que a literatura serviu como espaço para que o poeta retratasse o sentimento geral de um período em seu poema.

Palavras-chave: Angústia. Escrita. Desilusão. Poesia.

"AND NOW JOSE" CREATOR ANGUISH IN THE POETRY OF CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Abstract

This article intends to analyze a work José, by Carlos Drummond de Andrade, identifying how the feeling of anguish contributed to the writing of the poem, taking into account the period in which it was written. We conclude that literature served as a space for the poet to portray the general feeling of a period in his poem..

Keywords: Anguish. Writing. Disappointment. Poetry.

Recebido em: 20/03/2019

Aceito em: 16/04/2019

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa do Programa de Pós Graduação em Letras da PUC-MG como bolsista CNPQ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4019-1169>

INTRODUÇÃO

A poesia de Carlos Drummond de Andrade é construída por meio de uma escrita inteligente e sensível, que faz uso da linguagem culta e formal, da mesma forma que usa de palavras coloquiais na composição de seu texto. Pensar em Drummond nos faz imaginar alguém inquieto com o mundo ao seu redor e que usa essa inquietação como material para sua obra.

Segundo o ensaísta TS Elliot (1991), em sua obra **A função social da poesia**, a poesia teria uma função social, a qual representaria um sentir e uma sensibilidade condizente com um coletivo. Para Elliot (1991), o espaço da poesia seria aquele que permite a comunicação de uma experiência nova ou a expressão de algo que experimentamos e para o qual a palavra nos escapa.

Em Drummond, a comunicação do sentir coletivo, em sua poesia, reflete a desilusão e amargura do homem do século XX, rodeado pelos resquícios da Segunda Guerra Mundial e posteriormente pela Guerra Fria. Drummond, que vivenciou esse período, soube ao certo descrever os sentimentos conflituosos desse tempo, traduzindo para nossa língua o irrepresentável.

Em sua inquietude, desilusão e solidão, o poeta mineiro transformou o que o angustiava em texto, em palavra escrita, de forma irônica e sutil. A subjetividade do homem em Drummond ganha espaço em muitos poemas, que transforma o conflito da existência em substrato estético. De acordo com Antonio Candido (1995, p. 112), existe na poesia de Drummond “uma constante invasão de elementos subjetivos, e seria mesmo possível dizer que toda sua parte mais significativa depende das metamorfoses e das projeções da subjetividade”.

A angústia em Drummond é poetizada; dramatizar a vida era uma característica singular do poeta. O sentimento de angústia é comum ao homem, inerente a sua existência. Sigmund Freud percorreu um longo caminho em sua trajetória sobre a teoria da angústia. De acordo com o ponto de vista do psicanalista, a angústia ganha características de desamparo, condição que diz respeito à possibilidade sempre presente do homem de entrar em sofrimento. Segundo o autor: “[...] nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição. Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar.” (FREUD, 1929 /1990, p. 50)

De acordo com Freud (1927 /1990), diante da angústia que adquire características de desamparo, o homem tem necessidade de transformar o que o atemoriza em várias representações, como a arte e a literatura, as quais servem como uma espécie de compensação, pelas renúncias feitas devido ao laço social vigente, conforme trecho exposto:

Um tipo diferente de satisfação é concedido aos participantes de uma unidade cultural pela arte, embora, via de regra, ela permaneça inacessível às massas, que se acham empenhadas num trabalho exaustivo, além de não terem desfrutado de qualquer educação pessoal. Como já descobrimos há muito tempo, a arte oferece satisfações substitutivas para as mais antigas e mais profundamente sentidas renúncias culturais, e, por esse motivo, ela serve, como nenhuma outra coisa, para reconciliar o homem com os sacrifícios que tem de fazer

em benefício da civilização. Por outro lado, as criações da arte elevam seus sentimentos de identificação, de que toda unidade cultural carece tanto, proporcionando uma ocasião para a partilha de experiências emocionais altamente valorizadas. E quando essas criações retratam as realizações de sua cultura específica e lhe trazem à mente os ideais dela de maneira impressiva, contribuem também para sua satisfação narcísica. (FREUD, 1927 /1990, p.10)

À vista disso, compreendemos que a escrita poética de Drummond torna-se um campo no qual é possível traduzir as tensões existentes entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo, no qual o sentimento sempre presente de angústia e desamparo são transformado em palavra poética. Diante desse contexto, esse breve ensaio busca analisar o poema “José”, sob a ótica da angústia como fomento criador da poesia em Carlos Drummond de Andrade.

JOSÉ, JOSÉ, E AGORA?

No celebre poema de Drummond, “José”, todas as estrofes são permeadas pela pergunta “e agora José?”, na qual o tom de pessimismo se faz presente do início ao fim da narrativa, como podemos perceber em sua leitura:

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,
e agora, José?
E agora, Você?
Você que é sem nome,
que zomba dos outros,
Você que faz versos,
que ama, protesta.

E agora, José?
Está sem mulher,
Está sem discurso,
Está sem carinho,
Já não pode beber,
Já não pode fumar,
Cuspir já não pode,
A noite esfriou,
O bonde não veio,
O riso não veio,
Não veio a utopia
E tudo acabou
E tudo fugiu
E tudo mofou,
E agora, José?

E agora, José?
Sua doce palavra,
Seu instante de febre,
Sua gula e jejum,
Sua biblioteca,
Sua lavra de ouro,
Seu terno de vidro,
Sua incoerência,
Seu ódio – e agora?
Com a chave na mão
Quer abrir a porta,
Não existe porta,
Quer morrer no mar,
Mas o mar secou;
Quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?

Se você gritasse,
Se você gemesse,
Se você tocasse,
A valsa vienense,
Se você dormisse,
Se você cansasse,
Se você morresse...
Mas você não morre,
Você é duro, José!

Sozinho no escuro qual bicho do mato,
sem teogonia,
sem parede nua para se encostar,
sem cavalo preto que fuja do galope,
você marcha, José!
José, para onde?

(DRUMMOND, 2002, p. 23)

Segundo Antonio Candido (1995), Drummond, entre os anos de 1935 e 1959, questionava-se a respeito daquilo que ele mesmo dizia, e se perguntava se seria mais válido abordar questões relacionadas ao ser ou ao mundo em sua obra. De acordo com o estudioso, em Drummond:

[...] a poesia parece desfazer-se como registro para tornar-se um processo, justificado na medida em que institui um objeto novo, elaborado à custa da desfiguração, ou mesmo destruição ritual do ser e do mundo, para refazê-los no plano estético. Mas esse distanciamento do objeto de criação agrava a dúvida e conduz outra vez o poeta a abordar outra vez o ser e o mundo no estado pré-poético de material bruto, que talvez pudesse ter mantido em primeiro plano, conservando o ato criador na categoria de mero registro ou notação. (CANDIDO, 1995, p.67)

De acordo com Candido, essas inquietudes do poeta organizam-se partir dos poemas “Sentimento de mundo” e “José”, no qual, nos títulos dos poemas, já haveria uma indicação da polaridade da obra madura de Drummond. Para Candido, na obra do poeta a partir desse período, existe de um lado a preocupação com problemas sociais, enquanto de outro lado, existe a preocupação com problemas individuais; as duas questões estariam ligadas ao problema decisivo da expressão que efetuará a síntese da poesia de Drummond. Ainda segundo o estudioso: “o bloco central da obra de Drummond é, pois, regido por inquietudes poéticas que provém umas das outras, cruzam-se e, parecendo derivar de um egoísmo profundo, tem como consequência uma espécie de exposição mitológica da personalidade.” (CANDIDO, 1995, p. 68).

Essas inquietudes de Drummond, tanto em questões sociais e individuais, é o que buscaremos identificar na obra “José”. Segundo a pesquisadora Rita de Cássia Barbosa (1988), em sua obra **Carlos Drummond de Andrade: seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico e crítico**, o poema “José”, sintetiza algumas preocupações básicas da época vivida pelo poeta: o Brasil vivia o Estado Novo e sob o comando de Getúlio Vargas. Nesse período, ampliava-se a preocupação dos artistas em relação ao destino dos homens, assim como Drummond inquietava-se com a consciência do seu ser no mundo, da mesma forma que questionava o sentido da existência humana. Na perspectiva de Rita de Cássia Barbosa, Drummond, através de sua luta com as palavras, busca expressar sua conflitiva relação com o mundo, devido sua condição auto-negativa e solitária; para isso, de acordo com a pesquisadora, o poeta busca usar uma máscara: “José”. Nesse sentido, podemos considerar que “José” é a metonímia do próprio autor, da mesma forma que também representa o povo brasileiro.

Em relação ao poema “José”, analisando sua estrutura, podemos perceber que o ritmo do poema se acelera. O tom de angústia e urgência são perceptíveis e palpáveis, com a reafirmação das perguntas no final de algumas estrofes “José, e agora?” e “José, para onde?”. À vista disso, Drummond coloca em tópico as questões básicas que afligem e angustiam o homem: de onde viemos e para onde vamos?

Nesse sentido, conforme exposto anteriormente, a escolha do nome próprio “José” torna um simbolismo de representatividade coletiva, visto que se trata de um nome comum no contexto brasileiro. O poeta mostra que as perguntas e os questionamentos do poema refletem um sentimento geral e comum à existência humana. As interrogações feitas no poema, apontam para algo não dito e marcam um lugar de silêncio, próprio de alguém que não possui respostas, e tampouco consegue simbolizar suas próprias indagações e inquietudes. A representação dos acontecimentos diante de uma experiência de guerra, ou resquícios de guerra, como o período vivido por Drummond na escrita de “José”, assim como a experiência do autoritarismo, escapam ao campo simbólico e à linguagem, dessa forma, o poeta encontra-se diante da falta de palavras para sintetizar seus sentimentos, que são marcados pelo silêncio no poema.

A vista disso, o silêncio, que aponta para a falta, seja de palavras ou de respostas, representado no poema pela interrogação “E agora José?”, nos conduz ao pensamento da autora Aracy Ernest (2009), que afirma: “Já a falta, relacionada à ocultação de elementos no interdiscurso de uma dada formação discursiva [que] só poderão ser resgatados a partir do

apelo aos exteriores da linguística, prova um contingenciamento discursivo” (ERNEST, 2009, p. 4). Segundo a autora, algumas determinadas condições de produção tanto históricas como enunciativas ocorrem devido à relação do sujeito com o objeto no qual fala, com a língua que fala, assim como, com o interlocutor com que fala. Nesse sentido, a falta na poética de Drummond opera, não com uma recuperação de voz e de vazão na composição do poema; o poeta não transforma a falta existente em palavras, mas sim demonstra essa lacuna com o silêncio, ocasionado pela ocultação da palavra.

A vista disso, compreendemos, seguindo a trilha de Antonio Candido (1995), em sua obra “Inquietudes na poesia de Drummond”, que esse recurso estilístico na poesia do poeta mineiro, ocorre devido a sua ligação direta com o seu interlocutor, e na sua busca em representar um sentimento geral e comum a todos. De acordo com o estudioso, a poesia social de Drummond “não é devido apenas a convicção, pois decorre sobretudo das inquietudes que o assaltam. O sentimento de insuficiência do eu, entregue a si mesmo, leva-o a querer completar-se pela adesão ao próximo, substituindo os problemas pessoais pelos problemas de todos.” (CANDIDO, 1995, p.79)

O “José”, de Drummond, representa a solidão do homem e sua falta de lugar no mundo, como é perceptível no início do poema, tudo se acaba, todos somem: “A festa acabou /a luz apagou /O povo sumiu” (DRUMMOND, 2002, p. 23). Ao longo do poema, a personagem vai perdendo tudo o que daria algum sentido à vida: está sem mulher, sem discurso, sem caminho, já não pode beber e nem fumar. Um esvaziamento próprio das decepções ocasionadas principalmente após uma guerra, período no qual o poema foi escrito, conforme exposto; esse esvaziamento também é próprio de uma época massificada, na qual o homem torna-se cada vez mais objetificado. O poeta amplia tais questões no poema, transformando-os em estética, de acordo com Antonio Candido: “Na obra de Drummond, a força dos problemas é tão intensa que o poema parece crescer e organizar-se em torno deles, como arquitetura que os projeta. Daí o relevo que assumem e a necessidade de identificá-los, através do sistema simbólico formados por eles.” (CANDIDO, 1995, p. 96).

Contudo, seguindo o pensamento de Antonio Candido, a preocupação de Drummond na composição de seus poemas, não era primordialmente relacionada à estética, conforme trecho: “Mas ao longo da obra de Drummond não observamos a certeza estética, nem mesmo a esperança disso, e sim a dúvida, a procura, o debate.” (CANDIDO, 1995, p. 87)

No poema, compreendemos que José é alguém de ação: “Quer abrir a porta” /Quis morrer no mar /José, você marcha!”, mas sua ação é impedida e interrompida: a porta que queria abrir já não existe, o mar que queria matar-se secou, não existe para onde marchar, nem mesmo a morte José pode escolher: “Mas você não morre, você é duro José!”. A personagem do poema não abandona, ele é abandonado, é o bonde que não veio, o riso que não chegou, as pessoas que sumiram, nem mesmo o dia quis aparecer (DRUMMOND, 2002, p. 23-24).

Não parece existir saída ou esperanças no poema de Drummond, é uma escrita distópica, pois a utopia não veio; existe um vazio de tudo, pois tudo mofou, tudo fugiu e tudo se acabou. Não pode nem mesmo refugiar-se na fé religiosa: “sem teogonia” (DRUMMOND, 2002, p. 23). Da mesma forma que não existe parede nua para que possa encostar.

Ao fim do poema, mesmo sem saber para onde ir, ou sem recursos algum, José marcha, continua seu caminho. Seria então um vislumbre de uma esperança futura, mesmo diante de tanto vazio, solidão e perdas? Drummond está questionando a existência humana da forma em que esse existir se consolidou a partir do século XX. Uma existência pautada frequentemente no vazio e na solidão.

Nesse sentido, de acordo com Carmem Da Poian (2001), o mundo contemporâneo, caracteriza-se pela insegurança, no qual o homem vive um mal estar, causado por vazios provocados por ausências de diversas ordens. A autora, qualifica a sociedade como traumática, por significar um mundo de promessas ilusórias, que acabam por fragilizar o eu. A personagem José, de Drummond, é a própria personificação da fragilidade do eu, ocasionada na modernidade.

O vazio foi amplamente discutido pela filosofia ocidental. Aristóteles define o vazio como um problema de *physis*, em seu sentido natural, que pertence ao mundo dos fenômenos e que pode ser objeto de conhecimento a partir da experiência. Para Aristóteles o vazio é real e sem resistência, posto isso, sendo real, ele não é o nada, uma vez que, dizer que o vazio é nada, seria equivalente a dizer que o vazio não existe, e que ele não é. O vazio não é nem nada e nem alguma coisa, colocando-se entre o ser e o nada. Diante do pensamento Aristotélico, podemos considerar que o vazio, sem definição, é a própria causa da inquietação que move o poema de Drummond.

Esse vazio inquietante, direciona o homem a vislumbrar a sua própria finitude, e retornar as antigas questões que atravessam a existência humana, e são causadoras de grande angústia, como apontado anteriormente: De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos? Esse conjunto de indagações sem resposta define o vazio de sentido da existência do homem.

Essas questões, como apontado, não escapavam a Drummond, e o poeta encontra respaldo e alívio na escrita. Segundo Antonio Candido, a superação da inquietude do poeta, resolve-se na sua compreensão da finitude da vida humana. Esse é o desfecho de José que, desolado em seu existir, está marchando para onde não sabemos. Podemos pensar que nem mesmo José sabe do seu destino. Contudo a personagem continua, e assim como oferece uma réstia de luz ao seu próprio escritor, também conforta o leitor de alguma forma, que diante do contexto pessimista no cenário social e pessoal, de vazio existencial, encontra nos versos que encerram o poema, alguns vestígios de esperança: José “marcha”, sobrevive, resiste, José segue seu caminho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Inocência Mata (2008), em entrevista cedida a **Revista Crioula**, a escrita literária aparece em momentos de insatisfação e inquietação. Seguindo pela trilha da pesquisadora, considerando o cenário nacional e internacional no qual o poema “José” foi escrito, percebemos

que Drummond transformou a angústia e a desesperança sentida por ele e pela nação em palavra escrita e harmonia estética. Para Antonio Candido, a inquietude é o material concreto na poesia do poeta.

O período no qual o poema foi escrito era de tensão, medo, repressão política e incertezas em relação ao futuro. Drummond viveu e escreveu em plena segunda guerra mundial e durante o regime ditatorial brasileiro, período marcado por desilusões. Essas questões são retratadas no poema “José” de uma forma provocativa. Entretanto, essas questões são vigentes e ainda cercam o homem no período pós moderno. As inquietações de José ainda são vivenciadas pelo ser humano, o que torna a temática do poema “José” atemporal, considerando ainda que tais inquietações são inseparáveis da condição humana.

À vista disso, compreendemos como o poeta usa de sua angústia, para composição de sua obra, especificamente neste ensaio, no poema “José”. A arte, em especial a literatura, é um espaço propício para que as tensões e frustrações humanas possam ser descarregadas. Escrever é um ato de libertação de alguma forma daquilo que prende o homem, que traz sofrimento e angústia. Um meio de expressão no qual não existe censura.

Considerando a angústia como principal motivador para a escrita do poema “José”, podemos dizer que Drummond se angustiava e se inquietava com o cenário político e social de sua época. Esses sentimentos não se restringem àquele período em específico vivido por Drummond, mas acompanha o homem desde sempre. O trabalho do poeta foi apontar o declínio do homem a partir desse ponto; por meio de sua poesia, retratou o sentimento comum a milhares de pessoas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- BARBOSA, Rita de Cássia. **Carlos Drummond de Andrade**: Seleção de textos, notas, estudo biográficos, histórico e crítico. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- CANDIDO, Antonio. Inquietudes na poesia de Drummond. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- DAVID, Débora Leite. **Inocência Mata**: A essência dos caminhos que entrecruzam. Revista Crioula, n5. Maio de 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/54948>. Acesso em: 19 mar. 2019.
- ELLIOT, T. S. **A função social da poesia**: de poesia e poetas. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- ERNST, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição /interpretação do corpus discursivo. In: **Seminário de estudos em análise do discurso**. 4. 2009, Porto Alegre, RS, Anais. UFRGS, 2009. Disponível em <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>. Acesso em: 12 de Abr. de 2019.
- FREUD, Sigmund. (1927). O futuro de uma ilusão. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- FREUD, Sigmund. (1929). O Mal Estar na Civilização. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- POIAN, Carmen Da. **As formas do vazio**: desafios do sujeito contemporâneo. São Paulo, Via Lettera Editora e Livraria, 2001.